

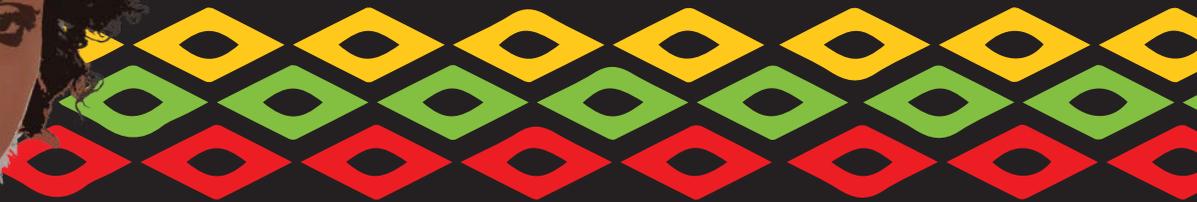


BANZAR

Enfrentando o
Racismo Institucional

Boletim Informativo do Grupo Técnico Racismo Institucional

Dezembro 2018 a Março de 2019 | Ano 1 | Edição 1



EDITORIAL

Por Equipe do GTRI

Reflexão é a palavra de ordem. A perda de direitos duramente conquistados, a intolerância e as disputas por poder ilustram o cenário social vigente no país. As mentiras que nos alienam, a rotina violenta e a negação das mazelas sociais denunciam a necessidade de buscar conhecimento. Neste sentido, considerando a importância da comunicação para a produção de conhecimento e informação, apresentamos o Boletim Banzar, uma publicação do projeto **“Racismo Institucional: A Doença Falciforme e seus Contextos Sociais”**, aprovado pelo Ministério da Saúde, em 2017, e executado pelo Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico (Nupad) da Faculdade de Medicina da UFMG.

O projeto tem como objetivo planejar e executar atividades educativas de conscientização, sensibilização, enfrentamento e combate ao racismo institucional no contexto da doença falciforme. Portanto, o **Boletim Banzar** tem o objetivo de abordar um tema relacionado às desigualdades sociais que assolam nosso país: **a doença falciforme e sua relação com o racismo institucional**.

Por ser predominante na população negra, a doença falciforme virou uma pauta da agenda pública a partir das reivindicações do movimento negro e do surgimento das associações. Dessa forma, os conteúdos, a identidade visual e as sessões do informativo foram inspiradas no caráter conscientizador e combativo das lutas sociais. Assim, as cores verde, vermelho, amarelo e preto, fazem referência aos movimentos de independência dos países africanos, sendo que o vermelho também representa o sangue, fluido vital em que a hemácia é um de seus principais componentes e que, no formato falcizado, simboliza a doença falciforme.

As seções estão divididas em: **“Nada sobre nós, sem nós”**, voltada para o fortalecimento dos lugares de fala das pessoas com doença falciforme; **“Conhecendo mais”**, que aprofunda



temas específicos do universo do racismo institucional e doença falciforme; **“A voz do profissional”**, que traz o relato de profissionais como forma de valorização e de divulgação de sua contribuição para o debate do tema e, **“Ações do GTRI”**, voltada à divulgação das ações desenvolvidas pelo projeto.

A palavra Banzar, que dá nome a este boletim, é africana, de origem quimbundo e significa “matutar”, “pensar”. Desejamos que o Boletim Banzar possa proporcionar a você, leitor, momentos de reflexão e que o auxilie na ampliação de seus conhecimentos acerca do **“Racismo Institucional: A Doença Falciforme e seus Contextos Sociais”**.

Boa leitura!



Por Vinícius Theófilo

Devido a alta incidência da doença falciforme na população negra, associada à situação generalizada de vulnerabilidade socioeconômica e da persistência do racismo institucional, mortes que poderiam ser prevenidas e evitadas continuam a acontecer.

Flávio Simões dos Santos, filho de Domingos Soares e Ana Barnabé Simões, era um homem negro com doença falciforme. Advogado engajado na defesa pelo direito à vida das pessoas com doença falciforme, devido sua vivência, possuía vasto conhecimento sobre a doença e seus estigmas, e estava prestes a assumir o cargo de presidência da Dreminas (Associação de Pessoas com Doença Falciforme de Minas Gerais, referência no Brasil. Atualmente presidida por Maria Zenó). Entretanto, sua posição de destaque e os conhecimentos que possuía não o blindaram de ser vítima da doença e nem do racismo que combatia. Flávio faleceu por negligência no atendimento e complicações clínicas, três dias após pegar um resfriado. Sua mãe Ana, faleceu dois meses depois.

A morte emblemática de Flávio, que não é um caso isolado, denuncia mais uma vez a norma da banalização da morte negra, vista nos jornais como notícia corriqueira sem comoção pública. Ao mesmo tempo, a norma aponta a direção do que deve ser mudado e não mais aceito: a desumanização e o silêncio sobre as mortes negras.

Gravidade é um estado enfermo de complicações clínicas que tem caráter de urgência devido à possibilidade de morte eminente. Já vulnerabilidade é um estado de desproteção social/individual gerado em contextos de descuido, carentes de políticas públicas. Ambos estados participam da dinâmica do racismo institucional e estão presentes na rotina da maioria das pessoas com doença falciforme, contribuindo para o ciclo de mortes evitáveis de pessoas negras. Flávio se tornou parte desse ciclo que o racismo institucional tende a invisibilizar. Segundo os indicadores do SUS, de 2000 para 2012, a taxa de mortalidade por essa doença dobrou no país, tendo a cor/raça preta as maiores taxas de mortalidade e os maiores aumentos na década.

O dia 27 de outubro: Dia da Luta pelos Direitos das Pessoas com Doenças Falciformes, surge como meio de denunciar a situação da saúde pública e rememorar todos que se foram, fazendo com que suas mortes não passassem



Flávio dos Santos lutou contra o racismo institucional que negligencia a doença falciforme.

despercebidas. Flávio Simões dos Santos foi uma pessoa muito querida e recordá-lo neste espaço visa prestar-lhe homenagem e contribuir para a visibilidade das pessoas com doença falciforme e desnaturalização das situações de racismo institucional. É luto ou luta. Flávio Simões dos Santos presente!

EXPEDIENTE: Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio e Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (Nupad/FM/UFMG) – **Diretor:** José Nélio Januário. Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado de Minas Gerais (Fundação Hemominas) – **Presidente:** Dra. Júnia Guimarães Mourão Cioffi. **Redação Técnica:** Janaina Neres; Vinícius Theófilo da Rocha Moraes; Carolina Martins Rabello; Lucy de Souza Guimarães; Jamayra Mirielle Nunes; Raissa Hilda Celestina Azevedo; Graziela Maria de Souza. **Instituições realizadoras:** Ministério da Saúde; Nupad/FM/UFMG; Fundação Hemominas. **Instituição parceira:** Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia de Belo Horizonte e Região Metropolitana (Dreminas). Federação Nacional das Associações de Pessoas com Doença Falciforme – Fenafal. **Edição:** Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG – **Coordenador e Editor:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP); **Projeto Gráfico:** Luiz Romaniello; **Diagramação:** Clarice Passos. **Atendimento Publicitário** Estefânia Mesquita. **Boletim quadrimestral de circulação online - www.nupad.medicina.ufmg.br**

Doença falciforme – Proveniente da África, a doença falciforme foi inserida no Brasil no período escravagista, sendo atualmente a condição genética de maior prevalência no país. Apresenta altas incidências nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Minas Gerais, regiões que demandavam grande quantitativo de mão de obra escravizada. A doença falciforme acomete majoritariamente pessoas negras (95%), mas em decorrência do processo de miscigenação, pode ser diagnóstica também em pessoas não negras.

A doença falciforme se caracteriza pela alteração do formato da hemácia e tem, como consequências, intercorrências graves que, somadas à sua invisibilidade e ao estigma social, resultam em impactos na morbimortalidade das pessoas com a patologia.

Discriminação Racial – A Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Normas de Discriminação Racial da ONU, em seu artigo primeiro, diz que a discriminação social “significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e/ou exercício, em bases de igualdade, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública.” (Convenção ratificada pelo Brasil, em 27 de março de 1968).

Estereótipo – É um conjunto de traços que supostamente caracterizam a um grupo, deformando sua imagem da mesma maneira que quando se faz uma caricatura, com todos os perigos de distorção e empobrecimento da percepção social. Na Comunicação é muito comum praticar o estereótipo em relação à imagem das mulheres, em especial as mulheres negras

Preconceito – Como o próprio termo indica, é um “pré” conceito uma opinião que se emite antecipadamente, sem contar com informação suficiente para poder emitir um verdadeiro julgamento, fundamentado e raciocinado. Ao contrário do que se possa pensar, são opiniões individuais.

Racismo – é a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais. O racismo subentende ou afirma claramente que existem raças puras, que estas são superiores às demais e que tal superioridade autoriza uma hegemonia política e histórica, pontos de vista contra os quais se levantam objeções consideráveis. Ao longo da história, a crença na existência de raças superiores e inferiores foi utilizada para justificar a escravidão ou o domínio de determinados povos por outros

Racismo institucional – é uma prática discriminatória recorrente no dia a dia das instituições e nas relações pessoais, em decorrência da cor, cultura, origem racial ou étnica e se expressa de maneira sutil, por meio de normas, práticas ou atitudes involuntárias discriminatórias, tais como, falta de atenção, negligência, desinteresse, preconceitos e estereótipos. Tem assim, como consequência as desigualdades raciais que fomentam a sociedade brasileira.

Clique e acesse os artigos e materiais sugeridos utilizados como fonte e conheça mais:

Doença falciforme – um grave problema de saúde pública mundial.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-84842010000400002

O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100010

Referência: Guia de enfrentamento ao racismo institucional – Geledes

<https://www.geledes.org.br/racismo-institucional-uma-abordagem-teorica-e-guia-de-enfrentamento-do-racismo-institucional/>

A VOZ DO PROFISSIONAL

Por Marcelle Rodrigues*



Crédito: Arquivo Pessoal

Em junho de 2017, tive a oportunidade de participar de uma oficina na Fundação Hemominas sobre o tema Desconstruindo o Racismo. A oficina foi ministrada pela Superintendente de Políticas

* Marcelle é técnica em Enfermagem no Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte desde 2014. Atua no atendimento a pessoas com hemoglobinopatias e coagulopatias. Membro do GTRI desde agosto de 2017.

Afirmativas e Articulação Institucional do Estado de Minas Gerais, Yone Gonzaga. Durante a oficina, percebi o quanto estava aquém do tema e que desconhecia muito do que foi trazido. Filha de mãe negra e pai branco, senti-me incomodada em não conhecer sobre a temática que falava sobre minhas origens. O incômodo não ficou só ali, mas levou-me ao desejo de saber, somado à abertura e curiosidade.

Em agosto de 2017, fui convidada pela Assistente Social do Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte, Aline Moraes, para participar de uma oficina de formação teórica do Grupo Técnico Racismo Institucional (GTRI). A oficina foi ministrada pela psicóloga e doutoranda da UFMG, Gilmara Mariosa, com a temática *Interseccionalidade: Gênero e Raça*. Na oficina, consegui compreender e aprender sobre o racismo e entender minha parcela de responsabilidade e participação na história de um povo. Após esta oficina foi impossível negar o convite feito a participar do Grupo!

O encontro com o GTRI tem ampliado meu campo de visão para situações que até então não conseguia enxergar, e moldado minha escuta para uma de melhor qualidade. Na minha participação tenho recebido o benefício de uma mudança e ampliação da compreensão do meu eu e da sociedade.

AÇÕES GTRI

Atividades do Projeto Racismo Institucional: A Doença Falciforme e Seus Contextos Sociais.

O Grupo Técnico Racismo Institucional no Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio diagnóstico (GTRI/Nupad), desde sua implementação em 2015, vem desenvolvendo ações educativas com objetivo de ampliar a visibilidade da doença falciforme e promover estratégias para o enfrentamento e combate do Racismo Institucional.

Em 2017, com a aprovação do *Projeto Racismo Institucional: A doença falciforme* e seus contextos, pelo Ministério da Saúde (MS), as ações passaram a ter maior abrangência. Diante disso, em 2018 foram organizados encontros que contaram com a participação de gestores,

profissionais da saúde e educação, pessoas com doença falciforme e demais interessados na temática.

As ações desenvolvidas fomentaram o diálogo entre o GTRI e diferentes atores sociais, favorecendo a reflexão sobre os impactos do racismo institucional enquanto prática reprodutora de iniquidades. As ações, confira abaixo, foram desenvolvidas em alusão às datas comemorativas importantes para o movimento negro e para a luta das pessoas com doença falciforme.

13 de maio - Dia da abolição da escravidão
II Cortejo de (des)comemoração da Abolição da escravatura

21 de junho - *II Ciclo de diálogos: Trajetórias negras na universidade*
Organizado pelo POLOS de Cidadania da Faculdade de Direito da UFMG, em parceria com o GTRI/Nupad/FM/UFMG

27 de outubro - Dia da luta pelos direitos das pessoas com Doenças Falciformes
Seminário conhecer para cuidar: superando o racismo institucional

19 de junho - Dia mundial de conscientização sobre a Doença Falciforme
I Encontro do Projeto Racismo Institucional: a doença falciforme e seus contextos sociais

25 de julho - Dia da mulher Afro-latino-americana e caribenha
Seminário Racismo institucional e a mulher na sociedade atual: processos históricos, saúde e feminismos